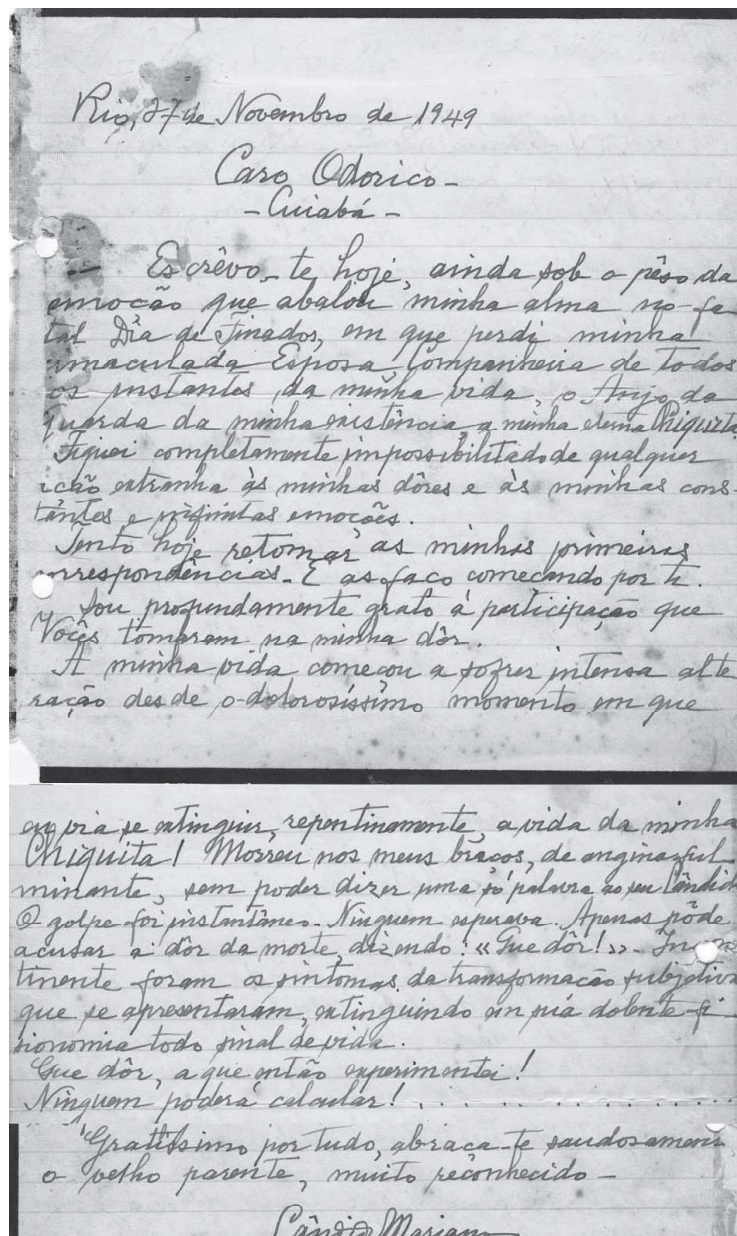


# A ALMA DE RONDON<sup>1</sup>

## RONDON'S SOUL

Aecim Tocantins<sup>2</sup>



1 (Palestra no 44º BIMtz, em 07/07/2011.)

2 Contador, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e membro do Conselho Fiscal da Instituição. Este artigo corresponde a uma palestra proferida no 44º BIM, em Cuiabá, em 2011. O autor conviveu pessoalmente com o Marechal Rondon, através da grande amizade de seu pai com essa personalidade.

ARTIGOS

**RESUMO:** O presente artigo versa sobre Cândido Mariano da Silva Rondon na intimidade, oferecendo ao leitor diversos dados da sua biografia, assim como discorrendo sobre momentos desta personalidade no convívio com meus familiares.

**Palavras-chave:** Cândido Mariano da Silva Rondon. Biografia. Mato Grosso. Exército Brasileiro.

**ABSTRACT:** This article focuses on Candido Mariano da Silva Rondon in private, offering the reader many details of your biography, as well as discussing this character moments in life with my family.

**Keywords:** Cândido Mariano da Silva Rondon. Biography. Mato Grosso. Brazilian Army.

Em virtude da minha privilegiada convivência pessoal com o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon coube a mim a incumbência de falar sobre episódios que procuraram retratar os seus sentimentos humanos, ou melhor, “A Alma de Rondon” e ao estimado amigo e preclaro historiador, professor Ivan Echeverria, dissertar sobre fatos que marcaram a vida épica de tão insigne figura militar, sob o título *Rondon: de Mato Grosso para o Brasil e para o Mundo*.

Ao iniciar deste agradável encontro vejo no meu dever informar aos brilhantes alunos do NPOR e futuros oficiais que tanto eu, quanto o professor Ivan Echeverria entendemos ser melhor condensar nas palavras que vamos proferir as devidas respostas às perguntas oportunas a nós endereçadas.

Distinguido com a gentileza do convite para participar deste encontro nesta tradicional e querida Unidade, hoje Batalhão da Laguna e ontem cognominado Quartel do 16º BC, de tão gratas recordações à memória da minha juventude, vejo do meu dever, embora em rápidas pinceladas, reverenciar as Forças Armadas do meu País e as figuras de parte do imenso elenco dos integrantes que tanto a têm dignificado.

As Forças Armadas constituem o arcabouço da segurança e nacionalidade da nossa Pátria, é vigilante defensora da nossa democracia.

E o nosso Exército explicitamente garante a tranquilidade e proporciona o exercício da cidadania.

Em todos os movimentos que abalaram e sobrelevaram a nossa Pátria o poder militar esteve à frente defendendo os princípios sacrosantos dos interesses e anseios populares.

Assim foi na Proclamação da Independência, na Libertação dos Escravos, na implantação da República, no resguardo e consolidação da democracia e, mais próximo, na Revolução de 1964, tão salutar aos destinos do país.

Sempre estiveram presentes o descortino e a coragem de militares, cujos nomes a Pátria engrandecida tem gravado seus nomes. Dentre tantos que constituem verdadeiro batalhão, lembramos neste instante, os nomes de Benjamin Constant e Gomes Carneiro que foram os dois mestres amados do Marechal Rondon; General Osório, Duque de Caxias, Patrono do Exército, Marcarenhas de Moraes, o cuiabano Eurico Dutra, Presidente da República e defensor intransigente dos princípios constitucionais, Antonio Sampaio, Patrono da Infantaria, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Castelo Branco e Zenóbio da Costa.

A transição democrática foi tranquila graças à interferência das Forças Armadas nas pessoas do Brigadeiro Eduardo Gomes e Eurico Gaspar Dutra.

Prestada esta homenagem de justo respeito vou, agora, procurar falar algo sobre a figura extraordinária do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, uma das glórias do nosso Exército Nacional; jóia rara de Mato Grosso, cujo trabalho exprime minhas respostas aos brilhantes alunos do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), do 44º Batalhão de Infantaria Motorizado de Mato Grosso.

Nascido em Mimoso, município de Santo Antonio de Leverger, em 5 de maio 1865, era filho de Cândido Mariano da Silva e Claudina Maria da Silva; perdeu o pai antes do seu nascimento e a mãe quando tinha dois anos de idade, tendo sido criado pelos avós José Mariano da Silva e Maria da Silva Rondon.

Com sete anos de idade veio morar em Cuiabá, com o seu tio Manoel Rodrigues da Silva Rondon, de quem adotou o sobrenome Rondon.

Aos dezesseis anos, depois de concluídos seus estudos no Liceu Cuiabano, antiga Escola Normal, com o título de Professor, alistou-se como Praça no 3º Regimento de Artilharia a Cavalos, no Acampamento Couto Magalhães. Daí teve início a sua gloriosa carreira militar.

Ainda bem jovem, eu tive o privilégio de vir a conhecê-lo.

Meu genitor, Odorico Ribeiro dos Santos Tocantins, telegrafista do Telégrafo Nacional, ao longo dos anos prestou seus serviços no Escritório da Comissão Rondon e, de maneira especial e particular, ao Marechal, o qual fez dele um dedicado servidor e amigo da mais absoluta confiança, tanto é que o considerava de parente.

Em a nossa casa Rondon se hospedava e mantinha seu escritório particular.

Daí a oportunidade que tive de testemunhar várias manifestações de suavidade da sua alma.

Em gostosas gargalhadas ele exprimia seu espírito alegre nas conversas mantidas com seus velhos auxiliares da Comissão Rondon, que sempre o visitavam quando ele se encontrava em Cuiabá.

Lembro-me que numa dessas visitas estava um dos encarregados das turmas de levantamento dos postes telegráficos, geralmente de aroeira ou outra madeira de lei, ocorrendo o seguinte diálogo:

Os serviços de levantamento de postes eram feitos mediante tarefa diária. O Encarregado lembrou de que numa dessas missões, ao cair da tarde, suspendeu o trabalho deixando um poste para ser levantado no dia seguinte.

Como de praxe foi comunicar a Rondon que, devido ao adiantado da hora, deixara a turma de levantar um poste e veio pedir autorização do “rancho do jantar”, prometendo que a turma se comprometia a antecipar o trabalho do dia seguinte, ainda de madrugada, a fim de

levantar o poste faltante. O General, como sempre, inflexível no cumprimento das obrigações respondeu-lhe: pois bem, amanhã cedo, logo após o levantamento desse poste será servido o jantar, com o rancho da manhã.

O Encarregado foi levar aos seus comandados da turma a determinação e, em decorrência, voltaram para levantar o poste que faltava, após o que a alta hora da noite lhes foi servido o rancho.

Após esse colóquio, ambos – o General e o velho Encarregado da turma – deram gostosas gargalhadas, lembrando, assim, de um pitoresco fato.

As suas conversas, sempre amenas, eram constantemente entrecortadas de alegres exteriorizações.

Gostava de conversar com as crianças, com as quais se entretinha.

Eram frequentes as visitas que recebia da vizinhança e de alunos das escolas primárias.

Desde jovem ingressou para a doutrina positivista graças à influência, principalmente, de Benjamin Constant. Procurou fielmente orientar-se, em todos atos de sua vida pela trilogia positivista em servir à Humanidade, à Pátria e à Família.

Casou-se com Francisca Xavier Rondon, carinhosamente chamada de Dona Chiquita, no Rio de Janeiro, em 1º de fevereiro de 1892, na Igreja Católica, em respeito à orientação da família da noiva, porém, mais tarde casou-se no templo positivista. Ela sempre o acompanhou na evolução positivista.

Desse consórcio nasceram sete filhos Heloisa Aracy, Benjamin, Clotilde, Marina, Beatriz, Maria e Branca.

Rondon, entretanto, mantinha com outras religiões admirável respeito e modelar relacionamento.

Certa vez, no Mimoso, numa prova de veneração ao Catolicismo disse ele ao Frei Teodoro Leitz: “Não deixe de vir pastorear suas ovelhas no Mimoso para que não seja só eu a lhes ensinar religião”.

Três netos de Rondon dedicaram-se à vida religiosa, sendo um sacerdote, o Padre Emanuel, e duas irmãs. Em 1997 a irmã Elizabeth Aracy dedicava seus trabalhos à aldeia indígena Menkin, em Brasnorte e a irmã Maria Cecília trabalhava no Rio de Janeiro. Ambas pertenciam à Congregação Sagrado Coração.

Também a filha mais velha Aracy após ficar viúva, recolheu-se num mosteiro, onde passou o resto de sua vida.

Para Rondon a família constituía um altar sacrossanto e a sua esposa era a Deusa idolatrada. Aliás, um dos ensinamentos do Positivismo, do qual era fervoroso adepto.

Seu amor à esposa era puro e à família cristalino.

Não se conhece qualquer procedimento que nodoasse a sua conduta de fidelidade matrimonial, apesar de quase sempre longe da esposa.

Certa missão nos sertões privou-o vinte e três meses do contato com a família.

Foi, sem dúvida alguma, um iluminado, um exemplar cidadão.

A esposa era considerada Deusa, a quem escrevia diariamente ao amanhecer.

Naquele tempo existiam as Cartas Telegráficas Noturnas (CTN), as quais eram escritas por Rondon diariamente. Não obstante, quando se encontrava longe do Telégrafo guardava-as para a remessa à Dona Chiquita, na primeira oportunidade. Isto tive a felicidade de testemunhar, pois certa feita ao chegar em Cuiabá, levei aos Telégrafos um pacote com várias Cartas Telegráficas, o que chegou a assustar o encarregado do recebimento.

Tive oportunidade de acompanhar Rondon em várias visitas ao túmulo do seu tio Mariano da Silva Rondon, o qual foi responsável pela sua educação em Cuiabá, e sepultado no Cemitério do Porto. Demonstrando seu amor filial de gratidão ele ficava algum tempo reverenciando a memória do saudoso.

Desejo lembrar que os trabalhadores da Comissão Rondon não tinham qualquer vínculo com o Governo Federal que viesse a dar-lhes o direito à aposentadoria. No entanto, dentro de seu espírito humanitário, tudo fez para que os mesmos e suas famílias não ficassem em desamparo depois de anos de trabalho prestados àquela comissão. Assim, por intermédio do então Deputado Federal Aluízio Ferreira, lutou tenazmente pela consecução de tais objetivos. Humildemente, jamais evocou para si os louros dessa conquista.

Rondon foi sempre inflexível no cumprimento do dever e no reconhecimento de gratidão aos seus auxiliares. Proclamava sempre a valiosa contribuição recebida dos índios quando nas investidas pelos sertões virgens. Nos contatos com os indígenas estava ele sempre à frente. Proibia qualquer hostilidade para com eles. Lembrando aos seus subordinados o lema positivista: “MORRER SE PRECISO FOR, MATAR NUNCA”.

Foi com a tribo Bororo que o general manteve o seu primeiro contato, chegando a falar corretamente o dialeto daquele povo. Rondon foi um defensor ferrenho da causa indígena. Foi o primeiro Diretor do Serviço de Proteção e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

Sem abdicar dos princípios de respeito à hierarquia, Rondon mantinha respeitoso e amigável relacionamento com seus subordinados, com

as pessoas humildes, e muito especial com os parentes mimoseanos.

Lembro-me que quando o seu parente Amarílio, simples vaqueiro mimoseano, foi acometido de hanseníase, ele se preocupou profundamente.

À essa época era lançado pelo então Instituto Carlos Chagas, do Rio de Janeiro, um produto injetável em caráter experimental. Pois bem, aos cuidados do meu Pai, ele providenciou a remessa desse remédio para tratamento da hanseníase. Pediu, ainda, ao meu Pai que providenciasse o internamento do Amarílio na Colônia São Julião, na cidade de Campo Grande, o que foi feito propiciando a cura do doente, depois de demorado tratamento.

Desejo evidenciar trecho da carta de 2 de outubro de 1949, escrita por Rondon ao meu Pai, sobre o assunto:

*Caro Odorico:*

*Fiquei satisfeito sabendo que foste com o Benjamin Duarte Monteiro ao Hospital de São João para solicitar do respectivo médico a bondade de aplicar a injeção do remédio que enviei para o Amarílio.*

*Seria preciso que todas as injeções fossem por ele aplicadas, a fim de poder verificar o seu efeito. Peço-te oportunamente me comunicares o resultado obtido com aplicação das injeções e a opinião do médico a respeito.*

*Tenho insistido junto ao Senhor Governador para fazer recolher o Amarílio ao Hospital São Julião de Campo Grande onde, talvez, melhor pudesse o Amarílio conseguir alguma melhora ao seu irremediável mal. Pelo menos, mais conforto e mais amplitude teria para sua vida. Coitado, ele está convencido que poderá voltar breve ao Mimoso.*

*Para ti, um longo abraço do velho parente agradecido.*

*Cândido Mariano.*

As incumbências e ordens de serviço que Rondon determinava eram sempre bem claras e detalhadas para que não houvesse qualquer dúvida no seu exato cumprimento.

Quando no desempenho de missões de risco nos sertões estava sempre à frente do comando, como por exemplo, na travessia de rios e nas entradas dos territórios indígenas.

Como chefe, procurava sempre dar exemplo aos comandados. Na travessia do sertão, quando os animais de montaria estavam estropiados e o pessoal tinha que caminhar a pé, o general liderava a caminhada, embora o seu animal oferecesse condições de montaria.

Documento da mais alta valia sobre o amor à sua esposa encontrei na carta endereçada ao meu pai quando do falecimento da mesma.

A vida de Rondon constitui-se numa verdadeira enciclopédia.

Entre as numerosas obras de estoicismo pátrio de Rondon, entendendo que a construção das Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas foi a mais relevante pelas circunstâncias heróicas que a envolveram.

O maior legado de Rondon à sociedade foram os exemplos de amor à Pátria e dignidade humana.

Por oportuno e por dever de justiça, desejo parabenizar com a Biblioteca do Exército pela recente reedição, em 2010, do livro RONDON CONTA SUA VIDA, de autoria de Esther de Viveiros, cuja obra considero um dos melhores trabalhos sobre a trajetória gloriosa do Marechal Rondon, digna de leitura de todos quantos se interessarem pelo perfeito conhecimento da sua honrosa vida.

Certa feita, na minha casa, num entardecer a sós comigo ouvindo os acordes da música “Terra de Rondon” de autoria de Francisco Pinto e música de Mário Zam, em uma antiga vitrola manual, vi-o emocionado atento a acompanhar os acordes, que assim se encerram:

*Deus que te abençoe, Terra de Rondon!*

*E eu grito ao céu, em alto e bom som,*

*Deus te abençoe, Terra de Rondon!*